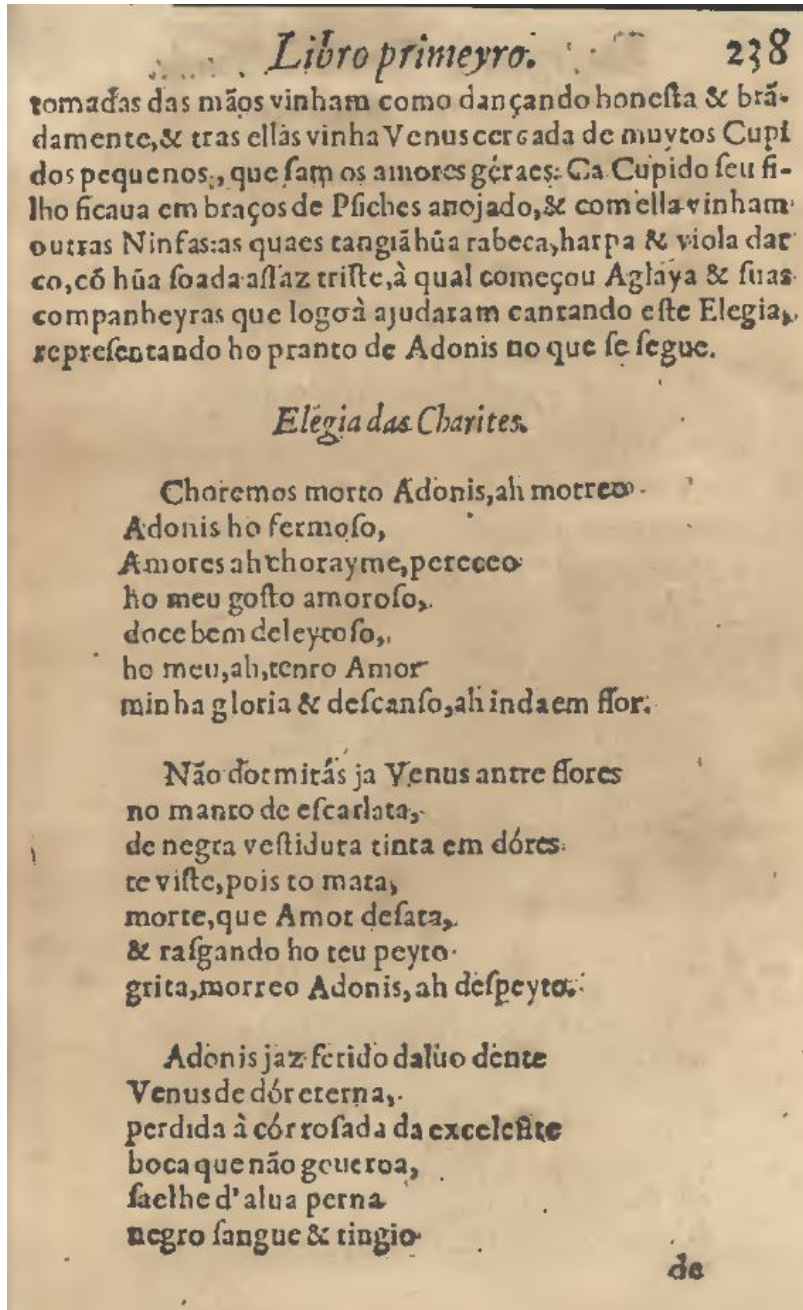




*Memorial 1567- Elegia das Cárites*

Fac-símile  
[238r-240r]





# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

*Da segunda Tauola redonda.*  
de vermelho alua rosa onde tingio.

Mil beyjos Citherea lhe esta dando  
quelle ja não sintia  
de lagrimas as faces lhe regando  
sobrelle e smorecia:  
Amores meus, dizia,  
Adonis ah choremos  
pois nelle todo Amor & bem perdemos.

No corpo Adonis tem mortal ferida,  
Venus n'alma à padece  
anojada de si, porque tem vida  
quando a dalma perece  
ho viuer a entristece  
maldiz a immortal sorte  
que lhe tolhe seguir Amor na morte.

As Orcadas choram em cabelo  
ho ceo ferem com gritos,  
no pasto as vacas sentem ja perdello  
os touros dam atitos,  
vamberrando os cabritos  
tras as mãys, que de espanto  
polas serras lhe fogem, não sem pranto.

De toda parte as Ninfas acodindo  
a tal defaentura,  
com Venus sobre ho morto estam carpindo  
lagrimas de anlagura,  
que regauam a verdura,  
em flores conuertidas  
& com vozes as Ninfas muy sentidas.

Hum



## Libro primeyro.

237.

Hum fermoso marido em verdes annos  
perdeo, & juntamente  
ho doce Amor tam puro sem enganos:  
& assi perder não se sente,  
mas destroyr consente,  
à sua gentileza  
de suas proprias mãos com gram crueza.

A sua fermosura ja estimada  
quando Adonis viuia,  
delle querida, & della mal lograda  
parelle soo à queria,  
parelle se vestia,  
parelle se enseytaua  
como ho tinha contente, al não cuydaua.

Perdeose com Adonis tudo junto  
ho seu contentamento,  
& ho seu gosto, em Adonis he defunto  
mas viuo ho sentimento,  
do duro apartamento,  
de Adonis encurtado  
ah, choremos Adonis mal logrado.

Morre co Adonis, ah, soã montanhas  
com temeroso som,  
com vozes Echo fete nas entranhas  
de Venus, triste tom,  
pranto me deste em dom,  
diz ella. O Amor meu  
em pago de quem toda à ti se deu.

Detente hum pouco Adonis, ah, detente  
dame



## Da segunda Tauola redonda

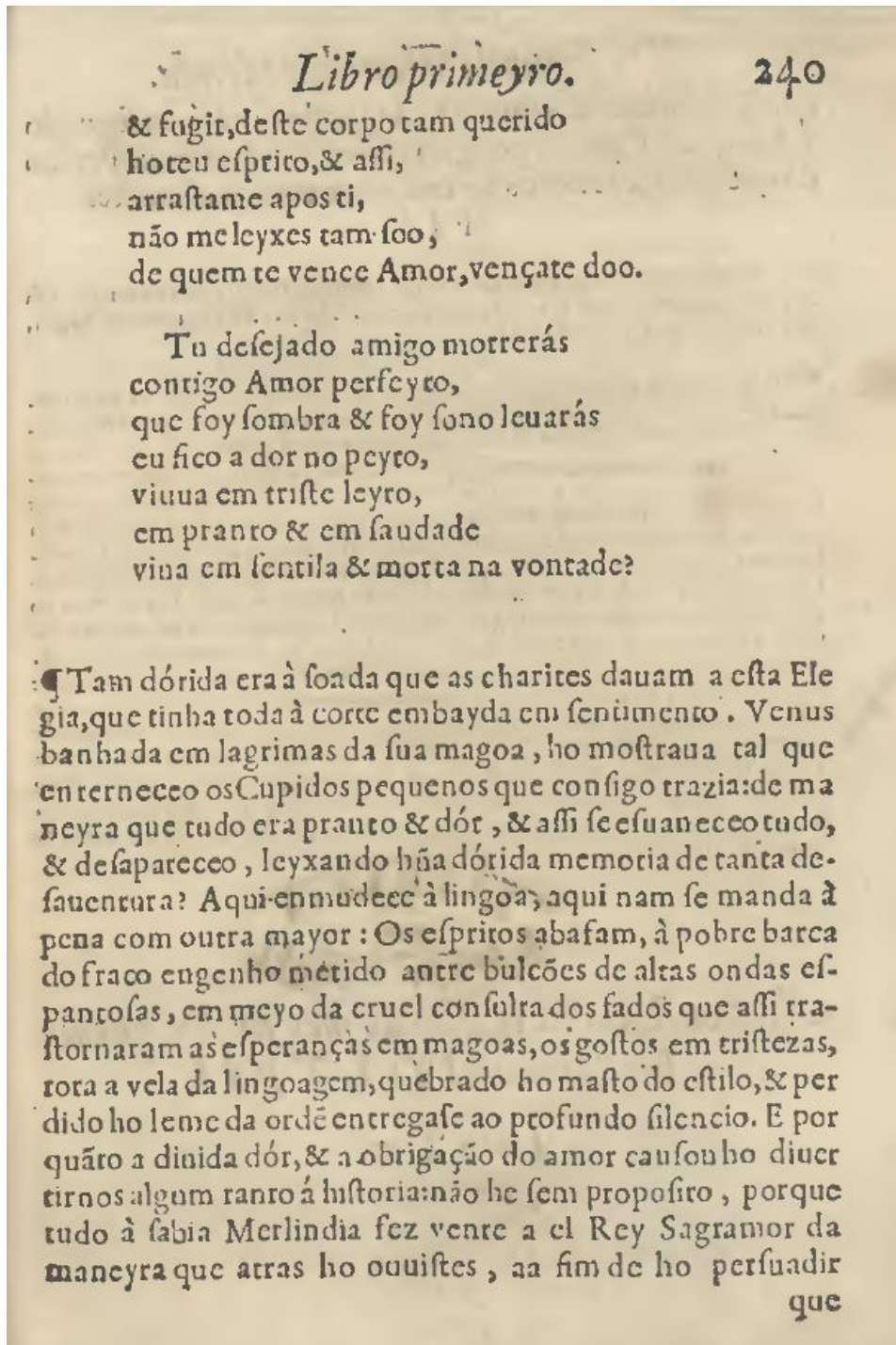
dame se quer quidos, e não me dá  
ás vitimas palavras de presente  
recebe meus gemidos, e não me dá  
& senão são dóridos, e não me dá  
quanto a causa requere, e não me dá  
esta magoa rambem inda me fere.

Nestes braços te tenho amor diante,  
ergue os olhos quebrados, e não me dá  
toma os vitimos beyjos desta amante  
os suspiros cansados, e não me dá  
os soluços forçados, e não me dá  
em quanto a alma te dura, e não me dá  
neste corpo da minha sepultura.

Ho folego na boca te tomando  
beyços quentes com frios, e não me dá  
que palle teu espirito a mim esperando  
os meus olhos sahirios, e não me dá  
ah, que crueis de suios, e não me dá  
de todo gosto humano, e não me dá  
fados inimigos tem, ah, graue dano.

Ho doce amor estou assi bebendo  
ho desejo enganando, e não me dá  
nas entranhas teu bafio recolhendo  
assi me está soprando, e não me dá  
ho fogo que queymando, e não me dá  
consume ho coração, e não me dá  
que padece, & não morre de payxão.

Trabalhas amor, ah, desconhecido  
apartarte de mim, e não me dá  
&



## Edição paleográfica

[238] Choremos morto Adonis, ah morreo | Adonis ho fermoso, | Amores ah chorayme, pereceo | ho meu gosto amoroso, | doce bem deleytofo, | ho meu, ah, tenro Amor | minha gloria & descanfo, ah inda em flor. | Não dormirás ja Venus antre flores | no manto de escarlata, | de negra vestidura tinta em dóres | te viste, pois to mata, | morte, que Amor



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

defata, | & rasgando o teu peyto | grita, morreo Adonis, ah despeyto. | Adonis jaz ferido  
daluo dente | Venus de dór eterna, | perdida à cór rofada da excelente | boca que não  
gouverna, | faelhe d'alua perna | negro sangue & tingio | [238r] de vermelho alua rofa onde  
tingio. | Mil beyjos Citherea lhe esta dando | quelle ja não linta | de lagrimas as faces lhe  
regando | fobrelle esmorecia; | Amores meus, dizia, | Adonis ah choremos | pois nelle todo  
Amor & bem perdemos. | No corpo Adonis tem mortal ferida, | Venus nalma à padece |  
anojada de lí porque tem vida | quando a dalma perece | ho viuer a entristece | maldiz a  
immortal forte | que lhe tolhe seguir Amor na morte. | As Orcadas choram em cabelo | ho  
cei ferem com gritos, | no pasto as vacas sentem ja perdello | os touros dam atitos, | vam  
berrando os cabritos | tras as mãys, que de espanto | polas ferras lhe fogem, não sem pranto.  
| De toda parte as Ninfas acodindo | a atal defaentura, | com Venus fobre ho morto estam  
carpindo | lagrimas de amargura, | que regauam a verdura, | em flores conuertidas | & com  
vozes as Ninfas muy sentidas. | [239r] Hum fermoso marido em verdes annos | perdeo, &  
juntamente | ho doce Amor tam puro sem enganoso: | & allí perder não se sente, | mas  
destroyr confente, | à sua gentileza | de suas proprias mãos com gram crueza. | A sua  
fermosura ja estimada | quando Adonis viuia, | delle querida, & della mal lograda | parelle  
foo à quera, | parelle se vestia, | parelle se enfeytaua | como ho tinha contente, al não  
cuydaua. | Perdeose com Adonis tudo junto | ho feu contentamento, | & ho feu gofsto, em  
Adonis he defunto | mas viuo ho sentimento, | do duro apartamento, | de Adonis encurtado  
| ah, choremos Adonis mal logrado. | Morreo Adonis, ah, foã montanhas | com temeroso  
fom, | com vozes Echo fere nas entranhas | de Venus, trifte tom, | pranto me deste em  
dom, | diz ella O Amor meu | em pago de quem à ti se deu. | Detente hum pouco Adonis,  
ah, detente | [239v] dame se quer ouuidos, | ás vitimas palauras de presente | recebe meus  
gemidos, | & fenão sam dóridos, | quanto a cauza requiere | esta magoaa tambem inda me  
fere. | Nestes braços te tenho amor diante, | ergue os olhos quebrados, | toma os vltimos  
beyjos desta amante | os suspiros cançados, | os foluços forçados, | em quanto a alma te  
dura | neste corpo da minha sepultura. | Ho folego na boca te tomando | beyços quentes  
com frios, | que passe teu esprito a mim esperando | os meus olhos sam rios, | ah, que crueis  
desuios, | de todo gofsto humano: | fados immigos tem, ah, graue dano. | Ho doce amor  
estou allí bebendo | ho desejo enganando, | nas entranhas teu bafo recolhendo | allí me  
está affoprando, | ho fogo que queymando, | confume ho coração | que padece, & não  
morre de payxão. | Trabalhas amor, ah, desconhecido | apartarte de mi, | [240r] & fugir,  
deste corpo tam querido | ho teu esprito, & allí, | arrastame apos ti, | não me leyxes tam  
foo, | de quem te vence Amot, vençate doo. | Tu desejado amigo morrerás | contigo Amor  
perfeyto, | que foy sombra & foy fono leuarás | eu fico a dor no peyto, | viuua em triste  
leyto, | em pranto & em saudade | viuua em sentila & morta na vontade.

## Edição crítica

[238r] Choremos, morto Adónis, ah morreo  
Adónis o fermoso,  
Amores, ah chorai-me. Pereceo  
o meu gosto amoroso,  
doce bem deleitoso,  
o meu, ah, tenro Amor,  
minha glória e descanso, ah inda em flor.



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Não dormirás já Vénus antre flores  
no manto de escarlata,  
de negra vestidura tinta em dores  
te viste, pois to mata;  
morte, que Amor desata,  
e rasgando o teu peito  
grita: «morreo Adónis», ah despeito!

Adónis jaz ferido d'alvo dente,  
Vénus de dor eterna,  
perdida a cor rosada da excelente  
boca que não governa,  
sae-lhe d'alva perna  
negro sangue e tingio  
[238] de vermelho alva rosa onde tingio.

Mil beijos Citerea lhe está dando,  
qu'ele ja não sentia;  
de lágrimas as faces lhe regando  
sobr'ele esmorecia;  
«Amores meus –dizia-,  
Adónis, ah choremos,  
pois nele todo Amor e bem perdemos».

No corpo Adónis tem mortal ferida,  
Vénus n'alma a padece,  
anojada de si porque tem vida;  
quando a d'alma perece  
o viver a entristece,  
maldiz a imortal sorte  
que lhe tolhe seguir Amor na morte.

As Órcadas choram em cabelo,  
o céu ferem com gritos,  
no pasto as vacas sentem já perdê-lo,  
os touros dão atitos,  
vão berrando os cabritos  
trás as mãis, que de espanto  
polas serras lhe fogem, não sem pranto.

De toda parte as Ninfas acodindo  
a atal desventura,  
com Vénus sobre o morto estão carpindo  
lágrimas de amargura  
que regavam a verdura,  
em flores convertidas



# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

e com vozes as Ninfas mui sentidas.

[237r] Um fermoso marido em verdes anos  
perdeo, e juntamente  
o doce Amor tão puro sem enganoso,  
e assi perder não se sente,  
mas destruir consente  
a sua gentileza  
de suas próprias mãos com grã cruieza.

A sua fermosura ja estimada  
quando Adónis vivia,  
dele querida e dela mal lograda,  
par'ele só a queria,  
par'ele se vestia,  
par'ele se enfeitava  
como o tinha contente, al não cuidava.

Perdeo-se com Adónis tudo junto  
o seu contentamento,  
e o seu gosto em Adónis é defunto,  
mas vivo o sentimento  
do duro apartamento,  
de Adónis encurtado,  
ah choremos Adónis mal logrado!

Morreo Adónis, ah soam montanhas  
com temeroso som!  
Com vozes Eco fere nas entranhas  
de Vénus, triste tom:  
«Pranto me deste em dom  
-diz ela- ó Amor meu,  
em pago de quem a ti se deu».

Detém-te hum pouco, Adónis, ah, detém-te,  
[237v] dá-me sequer ouvidos,  
as vítimas palavras de presente  
recebe meus gemidos,  
e se não são doridos,  
quanto a causa requiere  
esta mágoa também inda me fere.

Nestes braços te tenho amor diante,  
ergue os olhos quebrados,  
toma os últimos beijos desta amante,  
os suspiros cansados,  
os soluços forçados,





# UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:  
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

enquanto a alma te dura  
neste corpo da minha sepultura.

O fôlego na boca te tomando  
beijos quentes com frios,  
que passe teu espirito a mim, esperando  
os meus olhos são rios,  
ah, que cruéis desvios  
de todo gosto humano!  
fadados imigos tem, ah, grave dano!

O doce amor estou assi bebendo,  
o desejo enganando,  
nas entranhas teu bafo recolhendo,  
assi me está assoprando  
o fogo que, queimando,  
consume o coração  
que padece e não morre de paixão.

Trabalhas, amor, ah, desconhecido,  
apartar-te de mi,  
[240r] e fugir deste corpo tão querido  
o teu espirito, e assi,  
arrasta-me após ti,  
não me leixes tão só  
de quem te vence Amor, vença-te dó.

Tu, desejado amigo, morrerás  
contigo Amor perfeito,  
que foi sombra e foi sono levarás,  
eu fico a dor no peito,  
viúva em triste leito,  
em pranto e em saudade,  
viva em senti-la e morta na vontade.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “*Memorial das proezas da Segunda Távola Redonda: composições poéticas*”, em *O Universo de Almorol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.